



DES-TERRITORIALIZAÇÃO E RETERRITORIALIZAÇÃO, O GLOBAL E O LOCAL: UMA ANÁLISE A PARTIR DA CULTURA HIP-HOP

Célio José dos Santos¹

Resumo: *O presente trabalho tem como propósito discutir o processo de des-territorialização e reterritorialização da cultura hip-hop, e como essa cultura global adquire contornos da cultura local. Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo, os dados foram coletados através de levantamento bibliográfico e da observação participante, o enfoque epistemológico é pautado no materialismo dialético, sendo utilizado como tipologia de análise espacial o genoespço, proposto por Gomes (2006), que consiste em um tipo de agregação social, o grupo ou a comunidade que qualifica o território. A cultura hip-hop está profundamente arraigada a experiência local dos seus agentes, onde os jovens pegam, misturam e devolvem a cultura com as suas especificidades.*

Palavras-chave: Hip-hop; Des-territorialização; Reterritorialização; Lugar

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é fruto do desdobramento do trabalho de conclusão de curso em geografia intitulado o movimento hip-hop: território(s) e indetidade(s) da Posse Zumbi no bairro do Nordeste de Amaralina entregue no primeiro semestre do ano de 2008, a partir desse trabalho surgiram algumas indagações sobre os processos de des-territorialização e reterritorialização e a relação entre o global e o local a partir da cultura hip-hop.

O referido artigo é subdividido em três momentos. No primeiro procuro fazer um breve histórico da formação da cultura hip-hop. Em seguida, abordo os processos de des-territorialização e reterritorialização da cultura hip-hop, posteriormente procuro discutir a dialética do global e local para o enraizamento da cultura hip-hop e como o lugar interfere nesse processo.

BREVE HISTÓRICO DA CULTURA HIP-HOP

O *Hip-hop*, criado no início da década de 1970, pelo grupo americano Afrika Bambata, o termo foi inspirado devido à forma de dançar, hip = a quadril e hop = saltar, saltar os quadril, além de responsável pelo batismo o grupo definiu o break, o rap e o grafite como os três elementos essenciais para a existência do movimento *Hip-hop*, mas a quem enumere quatro, desmembrando a cultura do rap em dois elementos o DJ (Disc Jôquei) e o MC (mestre de cerimônia).

Historicamente, a Cultura hip-hop se formou no bairro do Bronx nova-iorquino, onde jovens afro-americanos e caribenhos tiveram participação decisiva na sua construção e afirmação, a dança break de origem caribenha, Porto Rico para ser mais exato, a arte visual materializada no grafite, e o rap iniciais de *rythm and poetry* como expressão poético musical,

¹ Graduado em Geografia pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Departamento de Ciências Humanas Campus IV – Jacobina, Ba. Atualmente é aluno da especialização em Educação, Cultura e Contextualidade oferecida pela UNEB. E-mail celiouneb@hotmail.co (autor)



oriundo da Jamaica integraram-se como parte do sistema híbrido da cultura juvenil, denominado hip-hop. Silva (1999), salienta que desde já é preciso ter claro que a cultura *hip-hop*, além de ser integrada pelas práticas juvenis supracitadas, ela aos olhos dos jovens, não se resume apenas a uma proposta exclusivamente estética envolvendo a dança, o grafite e o rap, mas sobre tudo, a fusão desses elementos como arte engajada com finalidade sócio-políticas em prol da comunidade.

Segundo Rose (1997), o *hip-hop*, combina elementos do discurso da música, da dança, da exibição para por meio das performances, dar vida a novas identidades e posições dos jovens que vão em busca dos papéis de sujeitos sociais negados aos jovens periféricos e suburbanos. O cruzamento feliz entre o break, o grafite e a música rap foram alimentados, não só pelas experiências locais compartilhadas entre os jovens, como também, pela posição social em que se encontravam, as identidades alternativas foram forjadas a partir de bens simbólicos como linguagens, estilo, postura e vestuário, todos procedentes das ruas, guetos e de turmas de bairros.

O hip-hop emerge de complexas trocas culturais, da alienação e das desilusões sociopolíticas. O grafite e o rap foram demonstrações públicas agressivas de uma outra presença e voz. Cada um assegura o direito de escrever – ou melhor de inscrever – uma identidade em meio um ambiente tão resistente quanto um teflon para os jovens de cor; um ambiente que tornou legítima a falta de acesso a materiais e à participação social. (ROSE, 1997, p. 211)

Este contexto social, político e econômico vivido pela sociedade estadunidense, foi crucial para a formação das condições que alimentaram a cultura *hip-hop* dando um teor sóciopolítico nas práticas culturais que se baseavam em agressividade e revolta, segundo a autora norte americana Tricia Rose (1997).

O CARÁTER HÍBRIDO DA CULTURA HIP-HOP E OS PROCESSOS DE DESTERRITORIALIZAÇÃO E RETERRORIZAÇÃO.

A cultura *hip-hop* é, por excelência, desde a sua formação, uma cultura híbrida, formada por jovens negros e latinos que vinham na cultura, uma forma de resistência e uma maneira de se afirmarem na sociedade e de construir suas identidades. “o *hip-hop* emergiu nos anos 70 nos Estados Unidos como fonte de formação de uma identidade alternativa para os jovens das ‘comunidades negras e latinas’. Tais identidades alternativas ‘locais’, elaborada por esses jovens tinha como referencial o cotidiano das ruas” (Herschmann 1997, p. 75).

As experiências e perspectivas dos jovens hispânicos, afro-caribenhos e afro-americanos, que se mantiveram distante de um ambiente discursivo mais abrangente, redundaram em um espaço social restrito. E, nesse caso, o hip-hop desenvolveu-se como parte de uma rede híbrida de comunicação. (ROSE, 1997, p. 211)

Esse caráter híbrido da cultura hip-hop pode ser observado principalmente aqui no Brasil, onde a cultura foi absorvida antropofagicamente pela juventude negra das periferias dos grandes centros urbanos, dando um novo formato e adaptando a realidade do lugar, refletindo o espírito real do hip-hop como um espaço coletivo e experimental, onde temas contemporâneos e forças ancestrais são trabalhadas simultaneamente, Rose (1997).



Para alguns autores, o hibridismo cultural contribui para a perda do referencial territorial, em outras palavras, a des-territorialização, resultante do enfraquecimento das lealdades locais em prol das comunidades transnacionais, o que impede o reconhecimento de identidades claramente definidas, Canclini (2006).

Herschmann (2000) defende que na era da globalização, da comunicação e da velocidade da informação, as expressões culturais, entre elas o *hip-hop*, não apenas se dessencializaram ou desnaturalizaram no imaginário social, como também perderam a sua relação de fidelidade com os territórios originários.

As expressões culturais tornaram-se um processo de montagem multinacional, uma articulação flexível de partes uma colagem de traços de qualquer um, qualquer classe, religião, cor, ideologia pode utilizar. O próprio termo “subcultura” parece ter esvaziado o seu sentido. (HERSHMANN, 2000, p. 63)

No entanto, o comunicólogo Micael Hershmann (1997, 2000) tem mostrado em seus trabalhos sobre dois fenômenos culturais urbanos, o funk e o hip-hop, a presença do processo de reterritorialização, tendo no localismo o reconhecimento e a reafirmação da cultura globalizada. “muito desses estilos são ao mesmo tempo, periféricos e autônomos, locais mais também globais e, finalmente híbridos, mas nem por isso necessariamente diluídos” Haershmann (2000 p. 64). A força do localismo pode ser atestada na ênfase que os hip-hoppers dão as suas comunidades, podendo afirmar que, no discurso e nas práticas culturais do hip-hop, as comunidades e bairros se tornaram mais importante que a cidade, assim como a cidade talvez tenham se tornado mais significativa que a Nação.

Para Haesbaert (2001) toda des-territorialização é acompanhada de um reterritorialização, pois precisa ser interpretada em diversas escalas, como afirma o autor.

O olhar geográfico multiescalar é imprescindível para entendermos a des-territorialização, pois, como se trata sempre de um processo concomitante de des-territorialização e reterritorialização, é preciso que se interprete em diversas escalas. O que num nível escalar, é percebido como um processo desterritorializador, em outro pode ser visto como reterritorializador. Daí a pertinência do uso do termo sempre hifenizado: des-territorialização demonstrando a indissociabilidade de suas duas faces. (HAESBART, 2001, p. 128)

A IMPORTÂNCIA DO LUGAR DENTRO DO CONTEXTO DA RETERRITORIALIZAÇÃO

O lugar aparece com grande destaque dentro desse processo de reterritorialização da cultura.

O processo de globalização produz diferentes resultados em termos de identidade. Para Woodward (2007), a homogeneidade cultural promovida pelo mercado global pode levar ao distanciamento da identidade à comunidade e à cultura local. De forma alternativa, pode levar a uma resistência que pode fortalecer e reafirmar algumas identidade locais, ou levar o surgimento de novas posições de identidade.

As práticas dos jovens hip-hoppers falam por si mesmas. Por meio delas expressam a realidade concreta do lugar onde vivem, numa forma de denúncia da realidade local, com qual se defrontam no seu dia-a-dia. As práticas dessa juventude são inspiradas num contexto



internacionalizado, porém, são elaboradas na concretude da sua existência, ganhando contornos específicos que emergem do lugar por meio da fusão das práticas culturais do *hip-hop* com a cultura local, Hershmann (2000).

[...] os jovens constroem uma forma própria de vivenciar o estilo rap em Belo Horizonte, o que dá ao estilo uma feição local, mesmo com as influências de Rio de Janeiro, São Paulo e EUA. Esta constatação diz sobre os processos de difusão cultural no contexto de uma sociedade cada vez mais globalizada. Como expressão de uma cultura juvenil, o estilo rap não é o resultado de uma progressiva homogeneização e massificação cultural que homologaria a um único registro uma produção cultural juvenil, independente das condições estruturais concretas nas quais esses jovens estariam inseridos. (DAYRELL, 2005, p. 94)

Segundo Fonseca (2001), o lugar pode ser analisado sobre a ótica de duas distintas abordagens: a primeira relacionada com a geografia humanística, que tem como base epistemológica a fenomenologia, que valoriza o caráter intencional, experiencial e efetivo, pelo qual o indivíduo ou grupo de indivíduos estabelecem laços de identidade com uma porção do espaço, o lugar é concebido como uma expressão de vivência, carregada de simbologia que é percebida e vivenciada por diversos grupos humanos; a segunda abordagem ligada à geografia crítica ou radical, que por sua vez tem sua análise centrada no materialismo dialético. Percebe e considera o lugar como chave para a compreensão das transformações concretas engendradas pelo progressivo processo de globalização. Neste caso, o lugar é interpretado como expressão geográfica da singularidade e um espaço de resistência e da contrariação da ordem global, no entantanto nossa preocupação aqui não é fazer um debate sobre o conceito de lugar².

Para Santos (2008), é no âmbito lugar que vai ocorrer a reterritorialização, principalmente da cultura, pois enquanto a ordem da globalização é a des-territorialização, a ordem do lugar é o inverso a reterritorialização, que através das misturas culturais dão um novo sentido à cultura, diferenciando-a das demais partes do globo. “ao lado de uma inquestionável globalização do universo da cultura juvenil, mantém-se uma série de aspectos locais, determinados por uma história local e contextos específicos” Sansone (1997, p. 171), justamente como ocorre com a cultura *hip-hop*, os jovens pegam, misturam e devolvem a cultura da sua forma.

A identidade Hip Hop está profundamente arraigada à experiência local e específica, e ao apego a um status em um grupo local ou família alternativa. Esses grupos formam um novo tipo de família, forjada a partir de um vínculo intercultural que, a exemplo das formações das gangues, promovem isolamento e segurança em um ambiente complexo e inflexível. E, de fato, contribuem para as construções das redes da comunidade que servem como base para os novos movimentos sociais. (ROSE, 1997, p. 202)

As crescentes e diferentes organizações da cultura hip-hop foram edificadas e continuam sendo em todo o território nacional. A diferença é estabelecida a partir da prática local, bem como pelas atividades praticadas no cotidiano dos bairros, pelas preferências de algum passo de dança, pelo vestuário, e pelas formas de sampler, pelo sotaque vocal e pela a introdução de novos utensílios técnicos. Por outro lado, para Rose (1997), grupos regionais de rappers, grafiteiros, e dançarinos solidificaram um vocabulário comum ao hip-hop, o que possibilita uma maior

² Mais informações sobre o conceito da categoria lugar na geografia ver Fonseca (2001).



comunicação entre eles. Em todos os lugares, o movimento articula um sentido de pertencimento e transforma uma insubordinação agressiva em prazer e afirmação de identidade. Para Rose (1997, p. 212), “essas identidades emergentes do hip-hop afirmam as especificidades e as características locais das formas culturais, bem como das forças estilísticas maiores que definem o hip-hop e as culturas da diáspora africana”.

O movimento Hip Hop constitui-se como um importante exemplo de ação comunicativa de um grupo social; ou seja, um grupo de indivíduos que possuem condições em comum, como a exclusão social ou a convivência nos guetos, e a partir da transformação de fragmentos de interesses em alguma coisa concreta – através da criação cultural de forma marginal, mas que aos poucos ganha o espaço urbano, o grupo age comunicativamente. Porém, a ação fica restrita a um conjunto de indivíduos que possuem símbolos que os qualificam como hip-hopers. (PAULA, 2001, p. 89)

A cultura hip-hop inclui atividades organizadas por grupos de jovens, com o objetivo de resgatar a auto-estima, principalmente do jovem negro, bem como construir identidades coletivas, mediante o discurso e a postura dos integrantes do movimento hip-hop, nas letras dos raps a construção de uma identidade positiva e uma fidelidade ao lugar com uma reflexão crítica dos problemas do cotidiano dão a tônica das músicas. Dentre os elementos que compõe o hip-hop, o rap ganha destaque em virtude de ser um veículo no qual o discurso possui um papel central, e por intermédio dele o rapper transmite suas lamentações, inquietações, angústias, medos e revoltas, ou seja, as experiências vividas pelos jovens das periferias, Tella (1999).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo procurou-se fazer uma discussão sobre os processos de des-territorialização e reterritorialização a partir da cultura hip-hop, além de trazer a categoria espacial lugar dentro do processo de globalização e a importância do lugar dentro do processo de reterritorialização.

Na verdade, essa proposta se trata de um projeto mais ambicioso que consiste em compreender a força do lugar no processo de reterritorialização da cultura, tendo como objeto para essa análise a cultura hip-hop.

REFERENCIAS:

CANCLINI, N. G. **Consumidores e Cidadãos**. 6º ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

DAYRELL, J. **A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005

FONSECA, A. A. M. da. A emergência do lugar no contexto da globalização. *In: RDE – Revista de Desenvolvimento Econômico*. Salvador: Ano 3, nº 5, Dezembro de 2001, p. 96-102.

GOMES, P. C. da C. **A Condição Urbana: ensaios de geopolítica da cidade**. 2º ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.



HAESBAERT, R. Território, Cultura e Des-Territorialização. *In*: CORRÊA, R. L; ROSENDAHL, Z. (orgs.). **Religião Identidade e Território**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001 p. 115-144.

HERSCHMANN, M. Na trilha do Brasil Contemporâneo. *In*: _____(org.). **Abalando os anos 90: Funk e Hip Hop, globalização e estilo cultural**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997, p. 52-85.

_____. **O Funk e o Hip-Hop invadem a cena**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000.

PAULA, B. X. de. Um estudo sobre o movimento Hip Hop na cidade de São Paulo: décadas de 1980 e 1990. *Ensaio de História, Franca*, v.6, nº 1/2, 2001 p. 81-95.

ROSE, T. Um estilo que ninguém segura: política, estilo e a cidade pós-industrial no Hip Hop. *In*: HERSCHMANN, M. (org.). **Abalando os anos 90: Funk e Hip Hop, globalização e estilo cultural**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997 p. 190-212.

SANSONE, L. Funk baiano; uma versão local de um fenômeno global. *In*: HERSCHMANN, M. (org.). **Abalando os anos 90: Funk e Hip Hop, globalização e estilo cultural**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997 p. 166-187

SANTOS, M. **A Natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4º ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

SILVA, J. C. G. da. Arte e educação: a experiência do movimento Hip Hop paulistano. *In*: ANDRADE, E. N, de (org.). **Rap e educação, rap é educação**. São Paulo: Selo negro, 1999 p. 23-38

TELLA, M. A. P. Rap, memória e identidade. *In*: ANDRADE, E. N, de (org.). **Rap e educação, rap é educação**. São Paulo: Selo negro, 1999 p. 55-64

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. *In*: SILVA, T. T. da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 6º ed. Petrópolis: Vozes, 2007. p 07-72